

Motricidade humana e a perspectiva sócio-histórica para a Motricidade Vital

Coletivo Motricidade Vital¹

Resumo: A principal intencionalidade do artigo é apresentar a perspectiva sócio-histórica que deu origem ao conceito de Motricidade Humana, seus desdobramentos, principais autores e grupos de investigação até o surgimento da proposição do conceito de Motricidade Vital.

Palavras-chave: Motricidade Humana; Perspectiva sócio-histórica; Motricidade Vital.

Abstract: The main purpose of the article is to present the socio-historical perspective that gave rise to the concept of Human Motricity, its developments, main authors and research groups until the concept of Vital Motricity was proposed.

Keywords: Human Motricity; Socio-historical perspective; Vital Motricity.

Introdução

Entre diversos conceitos e definições de motricidade, a Motricidade Humana aqui definida é resultante de estudos na perspectiva sócio-histórica com a abordagem multidisciplinar, porque reúne o conhecimento filosófico e científico em diversas áreas do conhecimento.

A Motricidade configura-se como processo, cuja constituição envolve a construção do movimento intencional a partir do reflexo, da reação mediada por representações a partir da reação imediata, das ações planejadas a partir das simples respostas a estímulos externos, da criação de novas formas de interação a partir da reprodução de padrões aprendidos, da ação contextualizada na história - portanto, relacionada ao passado vivido e ao futuro projetado - a partir da ação limitada às contingências presentes. Esse processo ocorre, de forma dialética, nos planos filogenético e ontogenético, expressando e compondo a totalidade das múltiplas e complexas determinações da contínua construção do homem. (KOLYNIK FILHO, 2003, p.144).

¹ O Coletivo Motricidade Vital, como grupo de pesquisa, iniciou seus trabalhos em outubro de 2020 e é formado por cinco integrantes, são eles: Dr.^a Eugenia Trigo (Galícia – Espanha); Dr.^a Helena Gil (Porto – Portugal); Dr.^a Marta Genú (Belém – Brasil); Dr. José Pazos Couto (Galícia – Espanha) e Dr. Sérgio Santos (São Paulo – Brasil).

A Motricidade Humana (MH) contém e está contida pela corporeidade que por sua vez se manifesta por uma motricidade. Motricidade e corporeidade são fenômenos humanos e só podem ser diferenciados conceitualmente, não há possibilidade concreta da existência de manifestações motrícias (motricidade) sem o corpo (corporeidade), e nem corpo (corporeidade) que não implique em manifestações motrícias (motricidade), pois, a constituição da corporeidade é indissociável da mobilidade humana em ambiente social humano. Assim, se pode compreender melhor a motricidade e a corporeidade quando consideradas na relação dialética, gerando-se e determinando-se reciprocamente (KOLYNIAC FILHO, 2003).

A motricidade é uma relação ontosemântica, pois o sistema de possibilidades do corpo é portador potencial de sentido e significação. A Motricidade se desdobra em múltiplas linguagens e sentidos. A Motricidade é a manifestação intensa do ser carregado de sentido. (FERNÁNDEZ MANERO; PAZOS COUTO; TRIGO AZA, 2017a).

O conceito de Motricidade Humana a partir de distintos autores

Antigas civilizações, antes da Grécia, tinham o ser humano como unidade em comunhão com a natureza. É possível encontrar essa concepção de unicidade, na atualidade, em culturas originárias da América Latina, no Oriente e no Pacífico Sul. É importante destacar que essas culturas não admitem termos diferenciados para referir-se ao ser humano e a natureza, não há concepção dualista entre homem e natureza.

A partir dos sofistas, os pré-socráticos e mesmo Sócrates (mudança do pensamento mítico ao lógico), iniciam os questionamentos acerca da natureza do homem e do universo na Grécia Antiga. Pitágoras e Platão começam a dividir as substâncias em duas: espírito-corpo. E na compreensão da existência de dois mundos: o das ideias, como mundo verdadeiro, e o das coisas materiais, como mundo reflexo, portanto, o propósito filosófico, do homem de verdade, é alcançar o mundo das ideias e despojar-se de tudo o que o mantém sujeito ao mundo da matéria. O que se resume na sentença “mens sana in corpore sano”.

Aristóteles tentou contestar a ideia do dualismo corpo e alma, mas, não construiu pensamento argumentativo sólido; no entanto, ele afirmou que o homem não pode ser dividido para ser entendido.

Com o surgimento da Era Cristã inicia-se o desenvolvimento da antropologia cristã, que influencia de forma determinante a cultura ocidental. Sobre o pensamento cristão vale destacar que a tradição bíblica, desde a intervenção de Jesus, considera a salvação do homem, no seu todo, e não parte dele, o que significa que Cristo se faz homem, no sentido amplo da palavra, e não existiu como um espírito ou realidade desencarnada, pelo contrário, o grande mérito de sua aparição é a dignificação total do ser humano (perspectiva bíblica e não eclesiástica).

Tendo o Império Romano se convertido ao Cristianismo, a cultura cristã se expande acrescida da interpretação de caráter platônico de São Paulo. Desde a Idade Média se estabelece a cultura ao espiritual como elemento substantivo ao ser humano em relação a Deus (interpretação de São Paulo e Santo Agostinho na Bíblia) relegando a um plano extremamente secundário, incluindo a respectiva negatividade, a tudo que é relacionado ao corpo, inclusive a carne, como quase sinônimo de pecado.

No devir das discussões filosóficas medievais, há um resgate do pensamento aristotélico e no século XIII se consolida uma nova síntese entre corpo e alma que se diferencia da perspectiva agostiniana de inspiração platônica. Para Santo Tomás de Aquino, resgatando o hilemorfismo aristotélico, a alma se torna a substância em si mesma, mas integrando igualmente em si a necessidade de um corpo. Como forma do corpo, a alma pode existir sem ele, mas só se realiza plenamente assumindo sua materialidade. É a substância espiritual e forma do corpo.

Epistemologia da Motricidade Humana

Na Idade Moderna, René Descartes (1596-1650), aguça a divisão em duas entidades totalmente separadas: a “res cogitans” (mente) e a “res extensa” (corpo). O corpo como mero instrumento da mente/espírito. Resume-se na famosa sentença “penso, logo existo”. Até aqui se desenvolve a ideia de “tenho corpo”, como se o corpo fosse separado do sujeito ou correspondesse a uma realidade distinta a ele mesmo, em definitivo, ele constitui a essência do ser humano. A ideia de corpo máquina perfeita é desenvolvida. Essa ideia, agregada ao Positivismo de Comte (método experimental, verificável), dá origem as correntes biologicistas que se mantêm até nossos dias. Essas visões terão repercussões bastante amplas e profundas em todas as áreas do desenvolvimento humano, a divisão do trabalho é proposta (quanto mais físico o trabalho, menos valor ele tem; quanto mais intelectual, mais valor), a subdivisão ou fragmentação do tempo (tempo de trabalho, tempo de relaxamento) a dualidade transversal da existência humana (micro macro; individual-sociedade; sistema comunitário).

John Locke (1632-1704) eleva a educação diferenciada de acordo com substâncias, ou seja, educação intelectual e educação corporal. Educação corporal sustentada na ideia de disciplina, controle ou domínio do corpo. Kant, Husserl, Bachelard, Feyerabend, Popper, Lakatos, Kuhn, entre outros começam a questionar o cartesianismo, desenvolvendo um caminho alternativo às visões do empirismo e idealismo dando origem e possibilidade ao início das ciências humanas.

O construtivismo surge de forma incipiente, entendendo que as primeiras abordagens são desenvolvidas admitindo que a realidade é o produto de quem a observa, ou seja, o que o sujeito conhece, é o que dá sentido ao mundo. A partir dessa mesma ideia são desenvolvidas novas ciências (psicologia, sociologia, antropologia, pedagogia) que começam a elaborar conhecimentos que dão uma realidade (Piaget, Vigotsky, Gestalt, Freud, Jung, Reich), diferente da que se apresenta pelo dualismo cartesiano.

Husserl (1858-1938) desenvolve o conceito de “filosofia da fenomenologia”, que basicamente coloca que o sujeito e o mundo são a mesma situação, ou seja, influenciam uns aos outros, portanto, não é apenas o sujeito que constrói a realidade, mas, que a realidade já é, e também constrói o sujeito. Parte do conceito de “epojé” (ou “epokhé”). A palavra “epokhé” vem do vocabulário do ceticismo helenístico. Consistia, para os antigos, da atitude mental daqueles que colocavam suas próprias experiências entre parênteses e suspendem o julgamento.

Os pioneiros no reconhecimento do *homo sapiens* como um ser corpóreo indivisível encontramos em: Heidegger (1997); Merleau-Ponty (1945); Zubiri (1986); Laín Entralgo, 1999; Francisco Varela (1993) e Manuel Sérgio (1986).

Com o “Dasein's my-being-in-the-world” Heidegger (1889-1976) inicia a acepção de corporeidade que vem de *Dasein* (Heidegger). Palavra alemã difícil de traduzir. Ele aponta para a maneira particular de ser que ele é humano. O modo de ser que é caracteristicamente humano. *Dasein* está sendo-no-mundo. Fenômeno unitário, um dado primário, que requer ser visto como um todo e não dividido em partes que então se juntam. Foi traduzido em espanhol como “corporeidad”.

O fenômeno primário da existência humana é o “Dasein”, estar no mundo. Não há nenhum ser que não esteja no mundo, nem um mundo que não seja um mundo para um ser. Ambos são constituídos em simultâneo e por referência ao outro. A própria possibilidade de falar de ser e de mundo, separadamente, como sujeito e objeto, é derivada desse fenômeno primário do ser-no-mundo (ECHEVERRIA, 2013, p. 191).

Merleau-Ponty (1908-1961) Desenvolve a fenomenologia da percepção e propõe que essa relação no ser humano ocorra dada a sua realidade corpórea, ou seja, evolui para a ideia de “ser corpo”, isso ocorre na motricidade do ser humano entender isso como a configuração onde todas as dimensões do ser humano operam. Ressalta-se que este autor é o primeiro a propor o estudo e desenvolve o conceito de habilidades motoras. “Perceber é fazer qualquer coisa presente com a ajuda do corpo”. (...) “Não estou na frente do meu corpo, estou no meu corpo, ou melhor, sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 167).

O movimento concreto é, portanto, centrípeto, enquanto o movimento abstrato é centrífugo; o primeiro ocorre no ser ou no presente, o segundo no possível ou no não-ser, o primeiro adere a um dado fundo, o segundo desenvolve seu próprio fundo. A função normal que permite o movimento abstrato é uma função de “projeção” em que o sujeito do movimento se reserva diante de si mesmo um espaço livre onde o que não existe naturalmente pode assumir um semblante de existência (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 128). As habilidades motoras deixam de ser a simples consciência das mudanças atuais ou próximas ao lugar para se tornar a função que, a cada momento, estabelece padrões de magnitude, na amplitude variável do meu ser-do-mundo (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 226).

Na obra Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 1945) aponta por 2 vezes para a palavra “Corporeity” (páginas 269, 441) e 10 vezes para a palavra “motoridade” (páginas 76, 100, 128, 130, 154, 159, 207, 211, 226, 396). O espaço, e a percepção geral, marcam no coração do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais antigo do que o pensamento (*idem, ibidem*, p. 269). A solução de todos os problemas da transcendência está na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa corporeidade, nossa socialidade, a pré-existência do mundo, ou seja, o ponto de compreensão das “explicações” no que é legítimo tê-las e, ao mesmo tempo, a fundação de nossa liberdade (*idem, ibidem*, p. 440-441).

O sentimento, assim, desvinculado da afetividade e das habilidades motoras, foi resolvido na simples recepção de uma qualidade, e a fisiologia acreditava que poderia seguir, dos receptores aos centros nervosos, a projeção na vida do mundo exterior. O corpo vivo, assim transformado, deixou de ser meu corpo, a expressão visível de um ego particular, para se tornar um objeto entre outros (*idem, ibidem*, p.76).

O que falta não é nem habilidades motoras, nem pensamento. Assim, somos convidados a reconhecer, entre o movimento como um processo na terceira pessoa e o pensamento como uma representação do movimento, uma antecipação ou uma captura do resultado assegurado pelo mesmo corpo de uma potência motriz, um “projeto motor” (“Bewegungsentwurf”) uma “intencionalidade motora”, sem a qual o slogan nada mais é do que uma carta morta. O doente pensa a fórmula ideal de movimento e se movimenta em ensaios cegos; no normal, pelo contrário, todo movimento é inextricavelmente movimento e consciência do movimento.

Zubiri (1898-1983) anuncia o conceito de “eu sou corpo” que é superado pelo de “corporeidade”. A expressão é a consequência da corporeidade. Expressão não no sentido da “expressão que você tem”, mas no sentido do expresso de cada pessoa: é a pessoa expressa. Homem como sendo “psicoorgânico” como “inteligência sentiente”. O homem sente as modificações tônicas de outra forma: ele “se sente” afetado em sua realidade e na forma como ele é na realidade. Isso não é mais tônico. É outra coisa: é sentimento. A vida humana é auto decisão em participação. E essa, auto decisão é apenas a essência da biografia: um processo de auto posição de sua própria realidade (ZUBIRI, 1986, p. 16-18). Nada que eu mentalize é de alguma forma sem sentido (*idem, ibidem*, p. 32-33). A inteligência “não vê” a realidade impassível, como Platão e Aristóteles disseram, mas, de forma impressionante. A inteligência humana não é, na realidade, simpaticamente, imprevisível. É um ato de sensibilidade inteligente ou intelecto sentiente - inteligência como um corpo doente é consciente - não existem, portanto, duas faculdades, uma inteligência e uma sensibilidade, mas uma única faculdade de Inteligência Sentiente (*idem, ibidem*, p. 35).

Laín Entralgo (1908-2001) fala de “meu corpo eu” (1999) e das propriedades sistemáticas da vida animal, e admite como Zubiri que o ser vivo é a realidade cujo modo de ser real é dar a si mesmo sua própria mesmice, e acrescenta sobre a possibilidade de transmitir essa forma de ser real para uma nova espécie (LAÍN ENTRALGO, 1999, p. 129), usa o termo para o movimento vital como auto posição; viver consiste genericamente de possuir-se (*idem, ibidem*, p. 130). A auto posição necessariamente acontece no tempo, é fluente.

A vida de um organismo consiste em ser ele mesmo e possuir a si mesmo. Mas os vivos possuem não a si mesmo, mas em mudança; não importa o quanto seja ao longo de sua vida, nunca é a mesma coisa... a vida é aquela realidade que só pode ser a mesma, nunca sendo a mesma. Este é o dinamismo do mesmo: dar de si mesmo corretamente, nunca ser o mesmo para ser sempre o mesmo. (LAÍN ENTRALGO, 1999, p. 130).

Autores alemães como Meinel, Schnabel, Kippard; franceses como Le Boulch, Parlebas, Vayer, Aucouturier, entre outros; soviéticos como Luria e Leontiev; anglo-saxões como Bernstein e outras culturas realizam estudos e pesquisas dando ao conceito Motricidade uma grande semelhança com o que se entende pelo movimento ou reduzindo-o ao neuromuscular e componentes relacionados ao movimento individual. Da mesma forma, surgem coletivos que evoluem as abordagens de alguns dos autores supracitados com abordagens para posturas menos reducionistas (praxiologia).

Francisco Varela (1946-2001) anunciou o conceito de “enaction” - cognição corporalizada, em português “enação”, mente encarnada ou incorporada (VARELA; THOMPSON & ROSH, 1993; VAZQUEZ ROCCA, 2017). Varela promove e estabelece novos diálogos entre neolinguística, fenômenos recursivos, lógicas

consistentes e teorias do caos com as antigas tradições do Oriente, como o budismo, que explora a mente através de suas técnicas de meditação e introspecção; práticas que hoje experimentam uma grande disseminação no Ocidente, particularmente através do budismo e zen que levam a alma a novos estados mentais de iluminação, perplexidade e criatividade. A palavra “enação” vem do termo inglês “to enact” que em português se traduz como o antônimo de inação, ou seja, “emergir” e refere-se à concordância entre percepção, processos cognitivos e agente. Tal concordância significa que aquele que percebe orienta suas percepções de acordo com sua configuração orgânica e que o resultado, sabendo, não é capturar propriedades, singularidades ou estruturas de um mundo exterior. Então a enação é a cognição corporizada.

É assim que Varela se insere em uma tradição particular (irracional – vitalista) segundo a qual a razão não é o núcleo final ou a essência humana mais profunda, mas sim, um acidente de querer (emoção) que exige para si esse ponto, a partir do qual ela segue essa emoção já é inerentemente cognitiva. Uma vez que a perspectiva foi modificada, e a razão não é mais considerada o princípio central da mente, então o surgimento da mente pode ser visto como ela ocorre.

Manuel Sérgio (1933-) apresenta a intencionalidade operante e a práxis criativa. Manuel Sérgio (1988), com sua formação filosófica e conjuntural trabalhando em um centro de formação de professores de Educação Física, ele começa a perguntar sobre o conceito de Educação Física, buscando respostas para seu verdadeiro objeto de estudo, significado e objetivos. Busca provar que a Educação Física não tem uma proposta teórica sólida e rigorosa e funciona sob uma perspectiva eminentemente prática, onde o desempenho do corpo é trabalhado do ponto de vista físico. Paralelo a isso, o esporte foi cada vez mais se despersonalizando e desumanizando no contexto de uma sociedade de livre mercado altamente eficiente e produtivista.

De fenomenólogos franceses e alemães, Manuel Sérgio desenvolve a Ciência da Motricidade Humana (CMH), afirmando que não há diferença entre corporeidade e Motricidade Humana, pois ambas fazem parte da mesma complexidade biológica. A Motricidade Humana surge e persiste como uma emergência de corporeidade, como sinal daquele que está no mundo para alguma coisa, como sinal de um projeto (SÉRGIO, 1994, p. 30). Define as condutas motoras ou ação como “a energia para o movimento centrífugo e centrípeto e intencional da transcendência (ou superação) (SÉRGIO, 2003, p. 66) assim como: “o comportamento motor enquanto portador de significação, de intencionalidade, de consciência clara e expressa e onde a vida, vivência e convivência” (SÉRGIO, 1999, p. 270)

Produção temática da motricidade humana

Em 1999, a equipe kon-traste (Espanha) diferencia (TRIGO, 1999): corpo-corporeidade-movimento-motricidade / motriz/motor-motricio/a. O termo motricio foi cunhado para se referir ao adjetivo da Motricidade Humana, e mais tarde foi assumido pela comunidade. E a Motricidade Humana é definida como *expressão-impressão de corporeidade. Pensar-querer-fazer-comunicar.*

No glossário trabalhado pela Rede Internacional de Investigadores em Motricidade Humana (RIIMH) e proposto por Kolyniak (2005), a Motricidade Humana é definida como uma forma concreta de relação do ser humano com o mundo

e com seus semelhantes, uma relação caracterizada pela intencionalidade e significado, resultado de um processo evolutivo cuja especificidade é encontrada nos processos semióticos da consciência, que, por sua vez, falam das relações recíprocas entre natureza e cultura, por ambos, entre heranças biológicas e sócio-históricas.

A Motricidade Humana refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no alvo e representadas espaço-tempo, implicando percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio. É evidente em diferentes formas de expressão: gesto, verbal, cênico, plástico. A Motricidade Humana é configurada como um processo que ocorre, dialeticamente, nos planos filogenéticos e ontogenéticos, expressando e compondo todas as múltiplas e complexas determinações da construção contínua do homem.

Os avanços desenvolvidos pela RIIMH concebem a motricidade como: o ser humano em sua complexidade que mobiliza (excita-desejos, percebe, comunica, pensa) do aqui e do agora (imanência) em direção à transcendência e dele de volta ao aqui e agora, em sua relação com o outro- com o cosmos, no conceito atual de Ecologia.

Desde o último Congresso da SIIMH em Belém do Pará-Brasil (2009) e o último encontro de pesquisadores em Almada-Portugal (2015), fica definido que a MH na perspectiva sócio-histórica e filosófica começa com a proposta de Manuel Sérgio, em uma primeira fase com ele e Anna Feitosa, Ubirajara Oro e João Tojal, que sustentam o eixo epistemológico; em uma segunda fase com a Sociedade Internacional de Motricidade Humana (SIMH), que sequencia estudos e amplia a compreensão de MH, com Eugenia Trigo (Espanha) e José María Pazos (Espanha), Carol Kolyniak, Wagner Moreira (que depois se afasta), Sheila Silva e Marta Genú (Brasil), Sergio Toro (Chile). Esse grupo cresce com os da Colômbia (Grupo Kon-Mocion), Helena Gil da Costa (Portugal), Ana Pereira, Kátia Mortari e, finalmente, Sérgio Santos (Brasil).

Esta terceira fase, constrói conhecimentos e avalia os ensinamentos de Manuel Sérgio, argumentando que a MH é uma matriz científica e não uma ciência, e que a Educação Física tem uma relação com ela da mesma forma que o Esporte, a Engenharia, o Direito e todas as outras áreas do conhecimento e campos de aplicação.

Como resumo e reconhecimento ao trabalho de Manuel Sérgio, Eugenia Trigo, coordena e edita um livro com catorze investigadores que acompanharam a vida desse filósofo e aprenderam com ele a fundamentar as suas práticas e pesquisas (TRIGO, 2015).

Assim, começamos com Manuel Sérgio e avançamos nos estudos, ampliando seu campo de atuação e compreensão. Como todo conhecimento e teoria é atualizado à medida em que os estudos avançam, considerando que para Laín Entralgo nenhuma verdade é absoluta e muito menos perene.

Posteriormente, Trigo (2016) em seus estudos com ciência encarnada, define a Motricidade Humana como “a energia que nos leva a viver, a caminhar no ser mais, a perceber-nos, a conscientizar-nos de quem somos, onde estamos e para onde estamos indo (eu-outro-cosmos)”. E mais tarde, ao se aprofundar no estudo dos conceitos de “ação” e “enação”, explica que esses três conceitos (Motricidade – Ação - Enação) de diferentes campos do conhecimento, passam a significar coisas semelhantes. E por isso, ela avança com esta definição:

(...)percepção do nosso ser-corpóreo (ser-no-mundo) em que, da incompletude, estamos inquietos de viver e caminhar no ser mais (transcendência), nos compromete autoecopoiéticamente (co

envolvidos cooperativamente com o outro e o cosmos), de todas as nossas qualidades, línguas, culturas e habilidades que são nossas próprias como seres humanos, para a co criação de uma humanização / comunidades / sociedades / mundos que permitem a vida de todos os seres presentes e futuros. (TRIGO, 2020, on line)

A partir dessa definição, que está em estudo pela comunidade internacional, segue a autora propondo o termo “Motricidade Vital” junto com a Dra. Helena Gil da Costa, para que se perceba essa complexidade e nos permita caminhar no ser mais da VIDA sem ficar “preso” em uma determinada área do conhecimento.

Sérgio Santos (2016), em consequência e contínuo desenvolvimento de sua tese doutoral, conceitua a Motricidade como dinâmica existencial que viabiliza e vislumbra a plenitude de realização co-implicada. A Motricidade dá acesso a uma atmosfera autêntica de vida plena, onde imperam: o lúdico, a alegria, o encantamento, a afeição e a criatividade. O modo fecundo de realização dos valores, só apropriados se vividos em uma corporeidade dinâmica. A motricidade é a base para a determinação da essência do homem. É por ela que o homem se materializa e revela, no âmbito de um processo onde o desejo de transcendência desempenha um papel primordial de mediação.

No ano de 2007 Marta Genú ingressa como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e cria a Linha de Pesquisa *Ressignificar - Experiências Inovadoras na Formação de Professores*, com o propósito de atender, pelo princípio da dialogicidade e do pensamento divergente, professores com diferentes formações e, especialmente, professores de Educação Física, dada a própria formação inicial e a perspectiva de ampliar o campo de conhecimento nesta área e promover a interação entre educadores, o que de fato se concretiza e com a ação ampliada a Linha de Pesquisa se estende e o Grupo de Pesquisa é criado e certificado pela UEPA em 2011 junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq/MCT) no Brasil.

Em 2018, Sérgio Santos constituiu o grupo de estudos *Horizontes* no CECAPE-SCS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação – Dr.^a Zilda Arns) com a intenção de integrar os conceitos fundamentais da motricidade com as essências dos atos educativos intencionais. Como resultado desse trabalho, publica-se a obra *Ato Educativo e Suas Essências* (SANTOS; BARROS, 2019).

Em outubro de 2020, cinco pesquisadores da RIIMH decidiram constituir um grupo de trabalho para desenvolver a Motricidade Vital e os avanços que implicam projeções a partir da Motricidade Humana. O grupo decide denominar-se *Coletivo Motricidade Vital* e é o responsável e proponente desse *Dossiê*.

Referências

EACHEVERRÍA, R. ¿Qué es el ser humano? Una mirada desde la ontología del lenguaje. *Vídeo*, 2013. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=IPaFWFvwDIw>>. Acesso em: 15 março 2021.

FERNÁNDEZ MANERO, D., PAZOS COUTO, J. M., & TRIGO AZA, E. Lenguaje y acción para la comprensión del ser. *Revista Cocar*, n. 4, p. 57-72, 2017.

KOLYNYIAK FILHO, C. Proposta para um glossário inicial para a ciência da motricidade humana. *Integração: ensino, pesquisa, extensão*, 33. São Paulo: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, 2003, p. 142-5). Disponível em: <http://www.usjt.br/prppg/revista/integracao/integracao_33.php>. Acesso em: 15 de março de 2021.

LAÍN ENTRALGO, P. *Qué es el Hombre. Evolución y sentido de la vida*. Oviedo: Ediciones Nobel, 1ª ed. v. 1, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

SANTOS, S. O. A educação do ser-motricio e a práxis criadora. *Tese de doutorado*. UESP (Doutor), Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1590>>. Acesso em: 04 março 2021.

SANTOS, S.; BARROS, E. *Ato educativo e suas essências*. São Paulo: Editora Garimpo, 2019.

SÉRGIO, M. *Para uma Epistemologia da Motricidade Humana: prolegómenos a uma ciência do homem!* (1ª ed.). Lisboa: Veja, 1988.

SÉRGIO, M. *Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana*. Lisboa: Ed Instituto Piaget, 1999.

SÉRGIO, M. *Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SÉRGIO, M. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Editora Piaget, 2003.

TRIGO, E. *Motricidad y creatividad* (1ª ed.). Barcelona: Inde, 1999.

TRIGO, E. *Pensar y transformar: un legado de Manuel Sérgio* (1ª ed.). España/Colômbia: IISABER, 2015.

TRIGO, E. *De la Motricidad Humana al Paradigma Vida* (1ª ed., v. 4). España/Colômbia: IISABER, 2016.

TRIGO, E. Motricidad Vital. On line, 2020. Disponível em: <eugeniatrigo.com/motricidad-vital/>. Acesso em: 15 março 2021.

VÁZQUEZ ROCCA, A. Francisco Varela: Neurofenomenología y ciencias cognitivas. De la acción encarnada a la habilidad ética. *Nómadas. Critical Journal of Social and Juridical Sciences*, 52 (4), p. 301-323, 2017.

VARELA, F., THOMPSON, E. & ROSH. E. *L'inscription corporelle de l'esprit. Sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Editions du Seuil, 1933.

ZUBIRI, X. *Sobre el hombre* (1ª ed. Vol. 1). Madrid: Alianza / Fundación Xavier Zubiri, 1986.

Recebido para publicação em 28-02-21; aceito em 16-03-21